

# Folha CAPIXABA

•• Diretor: HERMOGENES LIMA FONSECA ••

## Suplemento Especial de Natal

Não Pode Ser Vendido Separadamente

### Alguns Dados Sobre a Academia Espírito Santense de Letras

A idéia da fundação de uma Academia Feminina de Letras, partiu dos membros da Academia Espírito Santense de Letras, que em reunião realizada na sua sede, em 8/7/1949, discutiram as suas idéias e opiniões no sentido de que já podiam as intelectuais do Espírito Santo agruparem-se em associações próprias, para fins de uma mais ampla e perfeita coordenação de suas atividades literárias, uma vez que há muito vinham as mesmas trabalhando com os homens, nesse terreno do intelecto.

Em 18/7/1949, na sede da A.E.S. de Letras, realizou-se uma sessão, sob a presidência do Dr. Eurípedes Queiroz do

Valle, que delegou poderes ao Sr. Colares Junior, tendo sido fundada, então, a ACADEMIA FEMININA ESPIRITO SANTENSE DE LETRAS e eleita na mesma data a sua diretoria, que ficou assim constituída: Presidente — Deputado Judith Leão Castelo Ribeiro; Vice-Presidente — Annette de Castro Mattos — 1a. Secretária Arlette Cipreste de Cypreste — 2a. Secretária Zeny Santos; Tesoureira Maria Albuquerque de Oliveira; Bibliotecária Yamaa Soneghet e Diretora Artística Virginia C. Tamanini. Atualmente dirige a Academia Annette do Casto Mattos como Presidente, Prof. Doralice de Oliveira Neves como Vice Pre-

sidente Leonor Miguel Feu Rosa 1a. Secretária e Alisa Alves Santos como 2a. REALIZAÇÕES

Nesse lapso de tempo a Academia Feminina tem mantido intercâmbio cultural com outros Estados da União como sejam Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Amazonas, com troca de artigos publica-

dos em seus jornais revistas e ainda com a Argentina, Uruguai, Bolívia, etc.

Em outubro de 1949 por ocasião do centenário da morte de Chopin realizou o grande recital Chopin, estando a parte musical a cargo da maestrina Ricardina Stanato da Fonseca

(Continua da Última pag)

### Preces de Natal

EURIDICE DE OLIVEIRA

Oh! querido Menino Nazareno,  
As almas sofredoras consolai,  
Aos impuros, pureza e crença dai  
Berço e comida ao pobre órfão pequeno.

Que faminto, infeliz, de olhar sereno  
Andeja. Que foi feito de seu pai?  
— Oh! Jesus bondoso, aos pobres dai  
Dias melhores, um futuro ameno.

Ao mundo vil, repleto de maldade  
Compreensão, Amor, felicidade,  
O certo discernir o bem do mal.

Assim, Jesus, dos ermos, das escarpas,  
Doces preces, sutis acordes d'harpas,  
Sobem aos céus na Noite de Natal.

### UM PAPA! NOEL DIFERENTE

Conto de PATERSON na 7.a Página

### MISSA DO GALO



Conto do grande Escritor

— MACHADO DE ASSIS —

(Leia na 5.a Página)

### Fraternidade

DARLY SANTOS

Quando as dúvidas se forem um dia  
e dissipada estiver a minha fisionomia...  
Quando os instantes de depressão  
deram lugar a completa libertação...  
Então caminharemos felizes e serenos,  
sem dúvidas,  
sem melancolias,  
sem angústias...

E por que as dúvidas?  
E por que a melancolia?  
E por que a ansiedade em penetrar  
em floridas veredas?

Dúvidas que surgem de repente,  
na luta diabólica de gente contra gente.  
Dúvidas ao ver crianças maltrapilhas,  
tendo direito a ver maravilhas.  
Dúvidas que sufocam o coração,  
aumentando a opressão.  
Dúvidas que são a infelicidade  
dos que possuem sensibilidade.

Das dúvidas à melancolia...  
Elas passarão, todavia,  
batidas pelos ventos renovadores  
de um Mundo cheio de esplendor.

Mundo de Paz. Mundo de Amor.  
Mundo de Respeito. Mundo sem Dor.

E, então, de mãos dadas  
e fisionomias descansadas,  
beijaremos o Mundo,  
e o Mundo nos beijará.

“Glória a DEUS Nas Alturas  
e PAZ na Terra aos  
Homens de Boa Vontade”

### NATAL E PAZ

Willis MACHADO

(Na Terceira página)

Que Eu Sofra...

De Antonio Félix Pimentel

### Bibliografia

De Ciro Vieira da Cunha

### CONTO DE NATAL

Annete de Castro Mattos

(Na Terceira página)

### Os Presentes dos Magos

Conto de Autoria de O. HENRI, na 4.a Página



# Saudação aos Eleitores

000

Após minha diplomação como Deputado Estadual dirijo as mais sinceras congratulações aos meus companheiros ferroviários, a todos os trabalhadores e ao povo que me honraram com sua confiança elegendo-me seu representante na futura Assembléa Estadual, onde espero defender seus anseios e justas reivindicações.

Aproveito o ensejo para expressar, através desse jornal, meus ardentes votos de BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO aos trabalhadores e ao povo capixaba.

Vitória, dezembro de 1958

JOCARLY GOMES SALLES



## Alfaiataria Zardini

Especialidade em casemiras, Tropicais, linhos, nacionais e estrangeiros — Aviamentos para alfaiates

Fazendas, armarinhos, chapéus e roupa, feições

AVENIDA DUARTE LEMOS, 219  
Telefone: 23-21

VITÓRIA

E. E. SANTO

## Hotel Império

AGRADECE A PREFERÊNCIA QUE LHE FOI DISPENSADA DURANTE O ANO DE 1958, ESPERANDO MERECER A MESMA PREFERÊNCIA NO PROXIMO ANO

AO ENSEJO, CUMPRIMENTA A TODOS OS SEUS HÓSPEDES E AMIGOS, DESEJANDO-LHES BOAS FESTAS E UM VENTUROSO NATAL

Esquina da Praça Costa Pereira c/ a Rua Sete Setembro  
VITÓRIA — E. E. SANTO

## Farmácia Espírito Santo

Agradece aos seus inúmeros amigos e fregueses pelo muito que fizeram na preferência dispensada ao seu estabelecimento e, neste fim de 1958, deseja a todos um Feliz Natal e um próspero ANO NOVO.

COMPLETA SOB TODOS OS PONTOS DE VISTA

# BRAIZER

## E' A MELHOR CAMISA

Fábrica: Rua Duque de Caxias, 158  
Posto de Vendas: Av. Jerônimo Monteiro, 384

BRAIZER LHE DESEJA BOAS  
FESTAS E UM FELIZ ANO NOVO

# CASA HILAL

— DE —

## HILAL & HILAL

Armarinhos, armas, munições e artigos para pesca  
— Rua Jerônimo Monteiro, 23 —

Com satisfação cumprimenta o público, amigos e fregueses com votos de felicidades.  
Bom NATAL e Feliz ANO NOVO

## Imobiliária Cobilândia

Tem a satisfação de cumprimentar seus inúmeros compradores, admiradores e amigos ao ensejo das festas de fim de Ano e aproveita a oportunidade para agradecer o estímulo e a cooperação que lhe tem sido dispensada

Compre lotes na futura "Manchester Brasileira": Cobilândia

Clima ameno e saudável, amplas avenidas, campo de esporte e escola  
Distante pouco mais de dois quilômetros da capital

IMOBILIARIA COBILANDIA:

Escritório de Vendas: Av. República, 136 (A Normalista)

Vitória — E. Santo — Tel. 25-41

# BRESCIANI — Símbolo de Garantia

A menor e maior relojoaria da Cidade Deseja - Lhe

## BOAS FESTAS E FELIZ 1959

Av. Jerônimo Monteiro

VITÓRIA



## NATAL

Alisa Alves Santos  
 "Gloria a Deus nas Alturas! Paz aos homens!"  
 — E' natal! E' natal! Jesus nasceu...  
 Levantam-se assustados os pastores  
 à voz dos anjos, que passam a cantar:  
 — E' natal! E' natal! — Jesus nasceu...  
 E, pressuroso, põem-se a caminhar.

E segue pelos vales, pelos montes,  
 O grupo destemido e bem singelo,  
 Em busca do Messias prometido.  
 E, ó surpresa! O' bendita alegria!  
 Na gruta de Belém, radioso e belo,  
 Jesus sorri nos braços de Maria!

## Natal Suburbano

Yolandino MAIA

Nasceu na mangedoura suburbana,  
 numa data comum do calendário,  
 a filha de José, um operário,  
 e de Maria... Não — seu nome é Ana.

José promove então nesta semana  
 um alegre descanso proletário,  
 trocando um dia inteiro de salário  
 no leito a contemplar a flor humana.

Um perfume volátil de alfazema  
 brinca cibrando no ar daquela quarto:  
 — Nasceu uma menina. Ótimo parto.

Ana e José discutem o dilema  
 de como irá chamar sua menina:  
 — Zélia?... — Angelina?... Sim: Zélia Angelina.

## NATAL! ... NATAL!...

Maria Stela de Novais

Um sino a bimbalar! Estrelas cintilando!...  
 Noite feliz! É a vez dos anjos, nas alturas,  
 e a humanidade já, ante um presépio, orando,  
 numa confirmação das Santas Escrituras.

Um pensamento, sigo um pastorinho e, quando,  
 à penumbra da lapa, entrevejo as figuras  
 de um grupo ajelhado ao Menino adorando,  
 minha alma se enternece, em doces conjecturas.

— Quiseram, então, louvar, nos primores do verso,  
 e enaltecer, na prosa, a grandessa do amor  
 de um Deus que, na humildade, o seu poder encerra,

fraternizando, assim, os povos do Universo,  
 em vivas, de alegria, ou trágidos de dor,  
 numa aurora de Paz, que vem do Céu à Terra!

## Que eu Sofra...

Antônio Felix Pimentel

Se o tormento é a causa dos meus erros,  
 Que eu sofra...  
 E que a agonia dessa dor horrenda  
 Que calcifica e martiriza a alma,  
 Tornando a paz num infernal martírio,  
 A vida — um êrmo, solidão tremenda,  
 Seja a testemunha desse meu suplício  
 Que eu não posso ocultar nem evitar consigo,  
 Desse tédio que punge, maltrata, rebenta,  
 O peito, em chagas vivas,  
 E da desgraça de sofrer por tanto errar.  
 Que eu sofra...  
 Se o tormento é a causa dos meus erros,  
 Que eu sofra...  
 Mas que não surjam lágrimas  
 Nem clamor de pesames  
 Das almas puras que meus erros sentem.

## Poema de Natal

Vinicius de Moraes

Para isso fomos feitos:  
 Para lembrar e ser lembrado  
 Para chorar e fazer chorar  
 Para enterrar os nossos mortos —  
 Por isso temos os braços longos para os adeuses  
 Mãos para colher o que foi dado  
 Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:  
 Uma tarde sempre a esquecer  
 Uma estrela a se apagar na treva  
 Um caminho entre dois túmulos —  
 Por isso precisamos velar  
 Falar baixo, pisar leve, ver  
 A noite dormir em silêncio.

Não ha muito que dizer:  
 Uma canção sobre o berço  
 Um verso, talvez, de amor  
 Uma prece por quem se vai —  
 Mas que essa hora não esqueça  
 E por ela os nossos corações  
 Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:  
 Para a esperança no milagre  
 Para a participação na poesia  
 Para ver a face da Morte —  
 De repente nunca mais esperaremos...  
 Hoje a noite é jovem; da Morte apenas  
 Nascermos, imensamente

## CONTO DE NATAL

Anete de Castro Matos

Era uma vez, (assim come-  
 çam as histórias) uma menina  
 pobresinha, porém muito boa.  
 Não tinha pai nem irmãos.  
 Morava com a mãe em uma  
 casinha humilde, numa rua  
 estreita, quasi no fim da ci-  
 dade.

Ritinha, esse era o nome da  
 menina, ia à escola todos os  
 dias com uns tamanquinhos  
 já um tanto gastos e o vestido  
 de chita remendado, mas lim-  
 po e passadinho. Os cabelos  
 trazia-os partidos ao meio,  
 deixando cair duas tranças  
 bem arranjadinhas sobre os  
 ombros.

Antes da aula ajudava a  
 mãe nos serviços caseiros,  
 cantando hinos escolares  
 e à tarde carregava as pe-  
 quenas trouxas de roupa para  
 a freguesia, enquanto a mãe  
 carregava as maiores. E  
 ainda sobrava tempo para  
 estudar, sempre satisfeita,  
 sendo muito estimada pela  
 mestra e colegas, por sua bon-  
 dade, aplicação e bom com-  
 portamento.

Aproximava-se o natal  
 Ritinha ouvia falar nas festas  
 próprias dessa época.

Seus ouvidos andavam chei-  
 os de nomes assim: nozes, cas-  
 tanha, mas, apesar de não  
 sentir inveja dos companhei-  
 ras que se vestiam bem e le-  
 vavam merenda farta, sentia,  
 como era natural na sua ida-  
 de, um desejo imenso de pos-  
 suir uma boneca de louça,  
 grande e de olhos azuis, que  
 vira dias antes na vitrine de  
 uma loja. Desejava-a, ape-  
 nas, pois, sabia que a mãe  
 não poderia dar, uma vez que  
 o dinheiro em casa mal dava  
 para o necessário.

Chegou, finalmente, a vés-  
 pera do grande dia em que a  
 humanidade celebra o nas-  
 cimento de Jesus. A mãe de  
 Ritinha, que no dia anterior  
 sentira umas pontadas nas  
 costas, não pudera levantar-  
 se do leito naquela manhã.

Tentou erguer-se, mas, inu-  
 tilmente. Agora doía-lhe,  
 também a cabeça e as pernas  
 estavam pesadas. Fez novo  
 esforço seguido de novo fra-  
 casso.

Olhou a filha que dormia  
 na cama ao lado e quis cha-  
 má-la, mas, vendo-a tão gos-  
 segada, teve pena de acordá-  
 la.

Um pouco mais tarde, quan-  
 do Ritinha despertou ficou  
 admirada de ver sua mãe ain-  
 da deitada, o que era fora de  
 seu hábito. Levantou-se li-  
 geira e abeirando-se da cama  
 perguntou se estava sentido  
 alguma coisa.

Respondendo-lhe afirmati-  
 vamente a mãe pediu-lhe  
 que fizesse as arrumações li-  
 geiras e chamasse uma visi-  
 nha, no que foi logo aten-  
 dida.

O dia inteiro passou-o aca-  
 mada. Ao entardecer lemb-  
 rou-se de que ainda havia  
 algumas peças para entregar  
 e chamando Ritinha, pediu  
 para que as fosse levar, re-  
 comendando que não demo-  
 rasse.

Saiu a menina com a trou-  
 xinha, preocupada com o es-  
 tado de saúde de sua mãe-  
 sinha e pôs-se a caminhar  
 com passos apressados.

Logo chegou à praça movi-  
 mentada e barulhenta. Quan-  
 do se dispunha a atravessá-la,  
 ouviu repicar de sino e ins-  
 tintivamente seus olhos vol-  
 taram-se para a igreja frou-  
 teira.

No seu coraçãozinho puro e  
 ingênuo nasceu o desejo de  
 ver Jesus e pedir pela doente  
 que ficara em casa.

Encaminhou-se para o tem-  
 plo; subiu as escadarias e  
 logo achou-se dentro, donde  
 uma multidão entrava e sala-  
 sem cesar. Foi caminhando  
 devagarinho e com dificul-  
 dade viu o presépio onde os  
 carneirinhos, o boi, o jumento,  
 os pastores, José e Maria

e deitado nas palhinhas o  
 Menino Jesus.

Seus olhos não paravam, in-  
 do de um lado para outro.  
 Ajelhou-se e juntando as  
 mãos numa prece, pediu  
 a Deus que restituísse a saú-  
 de da mãesinha querida, que  
 a fizesse levantar logo. Era  
 só o que desejava naquela  
 noite e nem a boneca queria  
 mais, em troca do que pedi-  
 ra.

Retomando a gruxa que  
 havia deixado ao lado, no  
 chão, saiu da igreja e conti-  
 nuou o seu caminho.

Escurecia já. Anúncios lu-  
 minosos começavam a por  
 manchas multicores no espa-  
 ço; rádios espalhavam pelo ar  
 músicas comoventes e ternas.  
 Nas vitrines, os enfeites mais  
 variados punham uma nota  
 alegre e colorida e Ritinha  
 caminhava exultante con-  
 aquele espetáculo que ain-  
 da não conhecia.

Subia a rua a que se des-  
 tinava, quando uma profusão  
 de luzes fez-lhe parar de tron-  
 as, grades de um palacete on-  
 de havia uma linda festa pa-  
 ra crianças.

Risos, cantos, estalos de  
 coisas arrebatadas, tinar de  
 guiso, saiam de dentro e  
 um bando de crianças irrom-  
 peu pelo jardim, indo ladear  
 uma enorme árvore de natal  
 encimada por uma estrela  
 brilhante, cheia de brinque-  
 dos e guloseimas.

Os portões estavam abertos  
 e Ritinha automaticamen-  
 te foi entrando, atraída por  
 aquele lindo espetáculo. De-  
 positou a roupa em um banco  
 e olhava fascinada para o  
 grande pinheiro enfeitado  
 quando se viu cercada pelos  
 meninos e meninas.

Estremeceu e quis fugir,  
 mas, as crianças impediram-  
 lhe a passagem. Começou a  
 chorar e nem respondia ao  
 que lhe perguntavam.

Em seguida vieram seihos

ras que também a rodearam  
 e fizeram-lhe novas pergun-  
 tas. Em poucas palavras Ri-  
 tinha contou-lhe quem era,  
 onde e como vivia, a doença  
 da mãe e o que tinha vindo  
 fazer naquela rua.

Vira tudo aquilo e achara  
 tão lindo! Nunca tinha visto  
 uma coisa assim... então,  
 aquela boneca de olhos  
 azuis!

Começou novamente a so-  
 luar e apanhando a trou-  
 xinha, ia retrair-se quando  
 uma delas, naturalmente a  
 dona do palacete, tomando-a  
 pela mão, levou-a até à ár-  
 vore mandando que escolhes-  
 se o que quizesse.

Ritinha não podia acenitar  
 e vacilava. Então, a senhora  
 encheu-lhe as mãos de brin-  
 quedos e doces e depois cha-  
 mando o marido que era mé-  
 dico, pô-lo ao par do que se  
 passava tomaram o automó-  
 vel e foram todos levar a  
 menina em casa.

Aí chegando, Ritinha irro-  
 peu como uma bala pelo  
 quarto a dentro e de tão alei-  
 gre e emocionada que esta-  
 va mal pôde articular algu-  
 nas palavras, seguida pelos  
 visitantes que pararam à  
 porta, assistindo aquela cena  
 comovente.

Por muitos dias seguidos  
 voltaram os donos do palacete  
 a visitar a doente e levar-  
 se remédios e outros auxílios.

Em breve estava restabele-  
 cida e seus protetores conti-  
 nuaram sempre a olhar pe-  
 las duas e nunca se arrepen-  
 deram desse gesto de bonda-  
 de, porquanto não tendo ou-  
 tra coisa para retribuir-lhes,  
 os seus protegidos lhes da-  
 vavam uma amizade pura e  
 sincera.

E foi assim que, numa vés-  
 pera de Natal, uma menina  
 pobre recebeu de Jesus a re-  
 compensa de sua meiguice,  
 aplicação aos estudos, bom  
 comportamento e sobretudo  
 ao seu grande amor filial.

## Natal e Paz

Por: WILLIS MACHADO

Como em todos os anos o  
 Natal é comemorado com ple-  
 nitude e pompa de que é  
 revestido o nascimento do  
 Messias. Mas eu falei em ple-  
 nitude e pompa? A História  
 não conta que o Salvador  
 nasceu em uma estrebaria  
 junto a animais e que teve  
 como testemunha Maria, José  
 e os Reis Magos? Ou a His-  
 tória se equivocou neste pon-  
 to? Acredito que não. Por  
 mais que desejamos imitar o  
 seu ensinamento, mais nos  
 afastamos do caminho por ele  
 instituído. A nossa época não  
 mais se compreende. É uma  
 época em que o mais audaz,  
 o mais forte se apodera de  
 tudo num misto de soberanis-  
 mo que é revoltante e irreve-  
 rente.

Há tempos atrás ainda exis-  
 tia um certo comodismo nas  
 festividades de fim de ano. O  
 rico tinha o seu festejado Na-  
 tal da meia noite, porém o  
 remediado e o pobre tinham-  
 no também. Era época em  
 que para festejar a data má-  
 xima da cristandade não pre-  
 cisava arrancar a pele do  
 corpo.

Mas tudo evoluiu, tudo que  
 era razoável tornou-se insu-  
 portável, tudo que se podia  
 comprar com certeza de um  
 preço mais ou menos, se tor-  
 nou preço semente para os  
 poderosos. Para muitos o Na-  
 tal hoje em dia é assemelha-  
 do à vida cotidiana. As in-  
 congruências da vida leva o  
 povo a depredações, vanda-  
 lismos e outras coisas mais,  
 que em absoluto se pode con-  
 denar. O povo enfastiou-se  
 com os múltiplos problemas  
 econômico-financeiros do país

e num clima de animosidade  
 manifesta o que lhe vai na  
 alma. Chegará época em que  
 não se poderá comemorar o  
 Natal nem com as mais bar-  
 tas guloseimas e este então  
 para muitos passará desper-  
 cebido.

"Gloria a Deus nas alturas,  
 e paz na terra aos homens de  
 boa vontade." Bonita frase,  
 que se fosse compreendida,  
 por alguns faria a felicidade  
 de um total. Porque Yalor  
 em paz, se o mundo está  
 ameaçado pelos seus dirigen-  
 tes máximos, que vêm nas  
 guerras e nos conflitos o  
 prazer de seus instintos? Por-  
 que falar em paz, e fingir  
 uma paz que jamais virá, se  
 os homens da terra não têm  
 uma idéia fixa e voltada para  
 os problemas unitários do  
 mundo? Mas o tempo falará  
 com mais imponência, e tal-  
 vez, num futuro próximo po-  
 samos falar em paz na terra  
 aos homens de boa vontade.  
 E então teremos a alegria e  
 a paz que necessitamos, virão  
 sem sacrilégios ou vicissitu-  
 des.

Que este Natal abra os co-  
 rações universais e cicatrize  
 as profundas chagas que nó-  
 les habitam desde há muito.  
 Que surja uma estrela, como  
 no nascimento do Senhor e  
 os guie pelos caminhos lumi-  
 nosos das felicidade e prospe-  
 ridade, para que se possa fa-  
 lar em paz.

Que quando os sinos bada-  
 larem concitando o povo à  
 oração, tenha os mandató-  
 rios os pensamentos voltados  
 ao céu, e em preces roguem  
 ao Senhor por um melhor en-  
 tendimento entre os povos.

## Cantochão da Noite de Natal

Cesidio Ambrogui

O homem pobre reuniu a pequena família  
 em torno à mesa de tábuas nuas,  
 na noite de Natal.

Humildes e contritos  
 rezaram por algum tempo.

Depois a mulher do homem pobre,  
 esquelética pelos trabalhos e privações,  
 tomou de uma velha lata de folhas de Flandres  
 uns biscoitos miseráveis,  
 e, a seguir, foi à cozinha paupérrima,  
 de onde trouxe uma chaleira de café ralo.

E a cela começou com biscoito

Em frente, no palacete do homem rico,  
 onde se pensava em tudo menos no Menino Jesus,  
 a noite de Natal estava sendo um simples pretexto  
 para mais uma noitada perdulária:  
 cavalheiros risinhos, bem postos e sensuais,  
 dançavam com senhoras elegantes e finas,  
 de colos desnudos...

Dentro da noite crescia o rumor esquisito  
 de um estranho tropel que abalava o silêncio,  
 e que vinha não se sabe de onde.

E o homem pobre refletiu:  
 "Não faz mal. A Justiça ha de descer  
 sobre a terra,  
 e o homem pobre, que será exaltado,  
 receberá também o seu quinhão de felicidade..."

## BIBLIOGRAFIA

Ciro Vieira da Cunha

Natal... Natal... meus tempos de menino,  
 tempos felizes que não voltam mais...  
 Missa do galo!... repicar do sino...  
 E a casa pobre dos meus velhos pais...

Natal... a mocidade... o desatino...  
 Amores loucos, ternos madrigais...  
 Mulheres que dobraram o meu destino...  
 Beijos de lacre, quentes e fatais...

Papá Noel! atende ao meu pedido  
 nesta noite de paz e de bonança...  
 Atende... pelo muito que hei sofrido...

E em meus sapatos põe a caridade  
 de um pedaço de esperança,  
 de um farrapo esquecido de saudade...



# OS PRESENTES DOS MAGOS

Autor: O. HENRY

Um dólar e oitenta e sete centavos. Era tudo. E sessenta centavos em níquel, níquel. Níquel um a um, pechinhando com o vendedor, o quintadeiro e o açougueiro até ficar envergonhada pela acusação de pão-durismo que se tornava patente. Por três vezes Della contou o dinheiro. Um dólar e oitenta e sete centavos. E no dia seguinte era Natal.

Não havia nada a fazer, a não ser jogar-se na cama pobre e chorar. Foi o que Della fez. O que nos leva à reflexão moral de que a vida se compõe de soluços, fungadelas e sorrisos, com predominância das fungadelas.

Enquanto a dona da casa está lentamente passando da primeira para a segunda fase, vamos dar uma olhadela no ambiente. Um apartamento mobiliado, a 8 dólares por semana, que não era exatamente uma habitação de mendigos, mas que de certo sugeria mais a miséria por estar situado no quarteirão dos pedintes.

No vestíbulo, em baixo havia uma caixa de correio onde não entrava carta alguma, e o botão elétrico do qual nenhum mortal conseguiria arrancar um toque. Junto, um cartão com o nome "James Dillingham Young".

O "Dillingham" tinha sido arremessado aos ventos em anterior período de prosperidade, quando seu ocupante ainda ganhava 30 dólares por semana. Agora que o ordenado fora reduzido para 20 dó-

lares, as letras do "Dillingham" estava apagadas, como se pensassem muito seriamente em contrair-se num modesto e despretençoso D. Mas sempre que James Dillingham Young saía do trabalho e entrava em casa, era chamado "Jim" e muito acarinhado pela senhora James Dillingham Young, já apresentada antes como Della. E tudo isso está muito certo.

Della acabou de chorar e passou pó no rosto. Foi à janela e ficou olhando para fora, para um gato cinzento numa cerca cinzenta, num quintal cinzento. Amanhã seria dia de Natal, e ela tinha apenas um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim. Há meses que vinha economizando, níquel por níquel, o resultado era esse. Vinte dólares por semana não dão para nada. As despesas tinham sido maiores do que calculara. Sempre são maiores. Somente um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim. Para o seu Jim. Quantas horas felizes não tinha gasto imaginando alguma coisa bonita para lhe dar! Alguma coisa bonita, rara, verdadeira — alguma coisa que merecesse a honra de pertencer a Jim.

Havia um tremor entre as janelas do quarto. Talvez vocês saibam o que seja tremor, nesse apartamento de 8 dólares. Uma pessoa muito fina e muito ágil conseguirá observando seu reflexo na rápida sequência de tiras longitudinais, obter idéias aproximadas

de sua aparência Della, que era esbelta, tinha dominado essa arte. Subitamente, ela rodopiou da janela para o espelho.

Seus olhos brilhavam, ardentes, mas o rosto perdera a cor. Saltou rapidamente os cabelos e deixou-os cair em toda o comprimento.

Bem, os James Dillingham Young tinha duas riquezas das quais muito se orgulhavam. Uma era o relógio de ouro de Jim, herdado do pai e do avô. Outra, o cabelo de Della. Se a rainha de Sabá morasse no apartamento em frente, Della paria o cabelo a secar na janela, só para despertar as jóias de Sua Majestade. Se o Rei Salomão fosse o zelador e tivesse seus tesouros guardados no térreo, Jim tiraria o relógio todas as vezes que por ele passasse, só para vê-lo arrancar a barba de inveja.

Os belos cabelos de Della caíam-lhe agora em torno, emoldurando-lhe o rosto como uma cascata de águas castanhas. Passavam-lhe do joelho e quase lhe serviam de vestimenta. Nervosa e rapidamente ela os prendeu de novo. Parou uma vez, brevemente indecisa, enquanto uma lágrima ou duas caíam sobre o tapete vermelho e gasto.

Pôs o velho casaco marrom, pôs o velho chapéu marrom. Num redomoinho de salas e ainda com o mesmo brilho nos olhos, voou para a porta e desceu as escadas rumo à rua.

Parou onde havia uma ta-

bleta: Mme. Sofroino. Cabeleiras de toda espécie. Della subiu correndo um andar e depois se concentrou, ofegante. Madame. "Tire o chapéu para ver que tal." A cascata caminha novamente ondulou para baixo.

"Vinte dólares", disse Madame erguendo a massa de fios com mãos práticas.

"Pode dá-los, depressa," disse Della.

Oh! e as duas horas seguintes voaram sob suas rodadas. Esqueçam a gasta metáfora. Della esteve remexendo em todas as lojas para escolher o presente de Jim.

Encontrou-o, finalmente. Sem dúvida nada igual em nenhuma das outras lojas, e elas as tinha virado, todas de pernas para o ar. Era uma corrente de platina, simples e discreta, proclamando seu valor apenas pela substância e não por uma ornamentação protuberante — como devem ser todas as coisas boas. Era uma corrente digna, mesmo, do Relógio. Assim que a viu soube que deveria pertencer a Jim. Era tal qual ele.

"Tranquilidade e valor" — eis uma síntese que servia a ambos. "Cobram-lhe vinte e um dólares pelo presente, e ela partiu para casa com os 87 centavos. Com aquela corrente presa ao relógio Jim poderia preocupar-se convenientemente com as horas, estivesse onde estivesse. Apesar do relógio ser magnífico, muitas vezes Jim o olhava de esguelha por causa da velha

tira do couro que usava em vez de corrente.

Quando chegou em casa, a embriaguez de Della cedeu lugar a um pouco de prudência e raciocínio. Pegou nos ferros de frisar, acendeu o gás e pôs-se ao trabalho, tentando reparar os danos causados pela generosidade somada ao amor. Coisa que constitui tarefa gigantesca.

Dentro de quarenta minutos sua cabeça estava coberta de pequenos e curtos enrolados, que maravilhosamente lhe davam a aparência de um colégio agredido. Olhou para sua imagem ao espelho durante muito tempo, cuidadosamente, fazendo crítica.

Se Jim não gostar, "dizia a si mesma," antes de me olhar duas vezes já dirá que estou com a cara de corista em Coney Island. Mas que é que eu podia fazer — oh! que é que eu podia fazer com um dólar e oitenta e sete centavos?

As sete horas o café estava feito, e a frigideira esperava a um lado do fogão, pronta quentinha para fazer os bifes.

Jim nunca chegava atrasado. Della dobrou a corrente na mão e sentou-se ao campo da mesa próximo à porta pela qual ele sempre entrava. Escutou dali a pouco seus passos no primeiro andar, e por um segundo ficou pálida. Tinha o costume de dizer pequenas preces silenciosas a propósito das coisas mais simples de todos os dias, e pôs-se então a sussurrar: "Por fa-

vor, meu Deus, farei que ele ainda me ache bonita."

Abriu-se a porta, Jim entrou, e fechou-se atrás de si. Parecia magro e muito sério. Pobre querido, só estava com vinte e dois anos — e já tinha família nas costas! Precisava de um casaco novo, e estava sem luvas.

Jim parou junto à porta, imóvel como um perdigueiro farejando a pista. Seus olhos estavam fixos sobre Della, e neles havia uma expressão que ela não conseguia decifrar, e que a aterrorizava. Não era raiva, nem surpresa, nem censura, nem horror, nem qualquer dos sentimentos para os quais ela se estivera preparando. Ele se limitava a olhá-la fixamente daquele modo estranho.

Della afastou-se da mesa e foi para perto dele.

"Jim querido", falou-lhe, "não me olhe desse jeito.

Cortei e vendi o cabelo porque era capaz de morrer nesse Natal se não lhe pudesse dar um presente. Mas o cabelo — cresce de novo — você não se incomoda, incomoda?

Eu tinha que fazer isso. Meu cabelo cresce muito depressa. Diga "Feliz Natal" Jim, e vamos ficar contentes. Você nem imagina que lindo, que formidável presente eu trouxe para você."

"Você cortou os cabelos?" perguntou Jim com dificuldade, como se ainda não tivesse

(Continúa na sexta página)

Ao comprar o seu fogão a gas engarrafado, você deve lembrar: o importante é

## CLICK

...porque permite ligar o botijão ao fogão sem nenhum esforço da sua parte

...não é preciso usar ferramentas

...não há peças para atarrachar

Click é uma vantagem extra, de Gasbras, sem qualquer aumento de preço!

1 - Para ligar o Click ao botijão, tome-o com as mãos e faça pressão para cima no anel de engate. Com o anel apertado contra a parte superior do Click, coloque-o sobre a válvula do botijão e pressione até ouvir o característico "click". 2 - Para retirar o Click faça, inicialmente, pressão para cima, forçando o anel de engate contra a parte superior do mesmo. Levante, logo a seguir, todo o conjunto e a ligação estará desfeita, com a maior simplicidade possível.

**GAS BRAS**

**GASBRAS**  
ESTE MÊS SEM  
ENTRADA

**SÓ GASBRAS TEM CLICK**

ORLANDO GUIMARAES S. A.

Em Vitória: Rua Jeronimo Monteiro, 370/16 — Tel. 23-05

Ave. Cleto Nunes, 241 — Tel. 20-27

Em Vila Velha: Rua Jeronimo Monteiro, 1307 — Tel. 95-14



# -MISSA DO GALO-

Autor: MACHADO DE ASSIS

Nunca pude entender a conexão que tive com uma mulher, há muitos anos, com a noite de Natal. Havendo acordado com um vizinho irado a missa do galo, preferi não dormir: combinei que eu acordaria a meia-noite.

A casa em que eu, estava hospedado era a do escravo Menezes, que fora casado, em primeiras núpcias com uma das minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatório. Vivía tranquilo, naquella casa assobrada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns papeis. A família era pequena, o escravo, a mulher, a sogra e duas escravas. Cos-tumes velhos. As dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas occasiões, a sogra fazia careta, e as escravas riam à socapa; elle não respondia, vestia-se e se tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Menezes trazia amor com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a principio, com a existência da comedia; mais afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Bom Conceição! Chamavam-lhe "a santa", a fazia jus ao titulo tão facilmente suppr-tava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capitulo de que trato, dava para maometana; aceitara um harém, com as aparências, salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O proprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquella noite de Natal foi o escravo ao teatro. Era pelos annos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se á hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha tres chaves a porta, uma estava com o escravo, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, os Três Mosqueteiros, velha tradução creio do Jornal do Comércio. Sentei-me á mesa que havia no centro da sala, e á luz de um candelero de querosene, enquinto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavallo magro de D'Artagnan e fui-me ás aventuras. Dentro em pouco estava completamente ebrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrario do que costumavam fazer, quando são de espera, ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por ellas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi veio á acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala-de-visita á de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar á porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? perguntou ella.

— Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ella foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pregado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espirito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para não me afligir ou aborrecer. Já disse que ella era boa, muito boa.

— Mas a hora já ha-de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cul-dei que se assusta, se quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhos; mas a senhora appareceu logo.

— Que é que estava lendo?

Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a Moreninha?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

— Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvi-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as palpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a lingua pelos beiços, para umedece-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos esper-tos.

— "Talvez esteja aborrecida", pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo.

Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia-hora que seja, hei-de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o que, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de perneio. Es-treito era o circulo das suas

idéias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ella sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— E' a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há-de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita na roça. S. João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha se inclinado; fincara os cotovelos no marmore da mesa e metera o rosto entre as mãos-espal-madas. Não estando abotoa-das, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto tam-bem não fosse comum; na-quele momento, porém, a im-pressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, po-deria conta-las do meu lugar.

A presença de Conceição despertava-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo á boca. Fa-lava emendando os assuntos, sem saber porque, variando d'elles ou tornando aos pri-meiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos igualzinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ella reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gozo, tão perto ficavamos nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichavamos os dois, eu mais que ella, porque falava mais; ella, ás vezes, ficava séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de at-titude e de lugar. Deu volta á mesa e veio sentar-se, de meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ella gastou em sentar-se, o roupão era comprido e co-bruiu-as logo. Recorde-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas

tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O que? — perguntou ella inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Ri-se da coincidência; também ella tinha o sono leve; éramos três sonhos leves.

— Há occasiões em que sou como mamãe; acordando, cus-ta-me dormir outra vez, rolo na cama, á toa, levanto-me, acendo a vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Não, não atalhou ella.

Não entendi a negativa; ella pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com ellas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava um narração ou uma explica-ção, ella inventava outra per-gunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instan-te, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ella os hou-vesse fechado para ver melhor. Uma dessa vezes creio que deu por mim embebido na sua pes-soa, e lembrou-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há im-pressões dessa noite, que me apparecem truncadas ou confu-sas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho fresca é que, em certa occasião, ella, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindissima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em res-peto a ella, quis levantar-me; não consenti, pôs uma das mãos no meu ombro, e obri-gou-me a estar sentado. Cul-dei que la dizer alguma coisa; mas estremeceu como se tives-se um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara len-

do. Dali relanceou a vista pe-lo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da pa-rede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi á Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleopá-tras"; não me recorde o assun-to do outro, mas eram mulhe-res. Vulgares ambos; naquella tempo não me pareciam feios.

— São Bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois franca-mente, eu preferia duas ima-gens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi á casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fre-gueses, enquanto esperam, fa-çam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista d'elles com figu-ras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. E' o que penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que fór, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Esta no meu oratório.

A idéa do oratório trouxe-me á da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ella con-tava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia pre-guiça á minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de bai-les uns casos de passeio, remi-niscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrup-ção. Quando se cansou do pas-sado, falou do presente, dos negócios da casa, das consel-has de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me con-tou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete annos.

Já agora não trocava de lugar, como a principio, e quase não saíra da mesma at-titude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar á toa para as paredes.

— Precisamos mudar o pa-

pel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer era que me tolhia a lin-gua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversa; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respei-to; mas a idéa de parecer que era aborrecimento, quan-do não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por al-gum tempo — não posso dizer quanto — inteiramente cala-dos. O rumor único, e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquella espécie de sonolência; quis falar d'ello, mas não achei modo. Conceição pare-cia estar devaneando. Súbita-mente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! Missa do galo!"

— Ai está o companheiro, disse ella levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, elle é que vem acor-dar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? pergun-tei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor adentro, pisando mansinho. Sai á rua e achei o vizinho que esperava. Guia-mos dali para a igreja. Du-rante a missa, a figura de Conceição interps-se mais de dre; fiquei isto á conta dos dre; fiquei isto á conta dos meus dezesete annos.

Na manhã seguinte, ao al-môço, falei da missa do galo e da gente que estava na igre-ja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizes-se lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escravo tinha morri-do de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a en-contrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente ju-ramentado do marido.

## A Farmácia São Lucas

— Avenida República, 25-51 — Tel. 25-51 —

Agradece a sua distinta clientela a preferência dispensada, esperando merecer a mesma atenção durante o ano próximo.

Ao ensejo formula votos de prosperidade aos seus dintintos fregueses e amigos, desejando-lhes felicidades no Novo Ano e muitas alegrias no Natal.



# UM ASSUNTO VULGAR

Autor: Arcádio Averchenko

VÉSPERA de Natal.

Bem intenso era o frio. O vento atacava furiosamente as casas, as árvores e não parava também aos transeuntes, que faziam o impossível para preservar de seus ataques o rosto, o nariz e a fronte. Quando se cansava de varrer as ruas, subia aos elevados edifícios, buscando campo de ação menos limitado, mais amplo, e dava rédea solta à sua fúria selvagem, rugia como um leão, saltava de teto em teto, escorregava pelas chaminés.

O romancista Dojoff e o artista pintor Poltorakin caminhavam pela calçada coberta de neve, envoltos em pesados abrigos. Dirigiam-se a uma festa infantil, que se realizava naquela noite na residência do editor Sidayeff, e pensavam, satisfeitos, na grata noiteada que os esperava nos santuosos e aquecidos salões, ante a árvore de Natal, rodeados de crianças ditosas e alegres.

Recrudesceu o frio.

Dojoff dizia:

— É sumamente difícil escrever contos de Natal.

Ou é preciso desenvolver um tema vulgar, ou descrever uma enfiada de horrores mais vulgares ainda...

Deteve-se de repente e voceu a cabeça em direção as grades, meio cobertas de neve, de uma casa da calçada oposta.

— Olha! Que será aquilo?

— Aquilo quê?

— Aquêlê vulto, nos degraus... Ao fundo, à direita...

Aproximaram-se os dois amigos e viram um menino encolhido no cantinho.

— Que fazes aí?

— Eh! rapazinho! Que fazes aí a estas horas?

Resolveu-se o garoto, e aparceram, dentre os farrapos

que cobriam, uma mãozinha roxa de frio e uma cara de brilhantes olhos, úmidos de lágrimas. Devia ter uns oito ou nove anos.

— Estou morrendo de frio! — murmurou batendo os dentes.

O pintor, compassivo, comentou:

— Não é para admirar. Veja só que andrajos miseráveis.

Inclinou-se o romancista, pensativo, sobre o menino.

— Poltorakin! — disse com solene modulação da voz.

— Esta noite é de Natal, não é?

— Sim, é véspera de Natal.

— Pois... então já vê!

— Sim... Já vejo... E o quê?

O romancista apanhou então para o pequeno.

— Percebeste?

— Percebi o quê?

— Puxa! Como você é tapado! Esse é o menino que morre de frio!

— Que novidade velha!

— Esse é o famoso menino que perece de frio na Noite de Natal — acrescentou o fabricante de novelas, com o jeito de quem acaba de efetuar uma importantíssima descoberta científica.

— Ei-lo! Finalmente o vejo com os meus próprios olhos!

Inclinou-se também o pintor sobre a desventurada criança.

— Sim, não há a menor dúvida! É ele em carne e osso! se não mentem os nossos calendários, amanhã é o dia de Natal... E não devem mentir pois que Sidayeff nos convidou... Talvez haja por estas paragens alguma árvore de Natal com suas luzes. Isso seria o complemento do quadro.

A música, a sala resplandecente, os gritos jubilosos das crianças em torno do pinheiro, e a poucos passos de dis-

tância, um pobre menininho que morre de frio...

O pintor gritou:

— Veja só! Naquela casa da esquina, no quarto andar, quarta, quinta e sexta janelas, se percebe fumaça fumando... Com toda a certeza ali há uma árvore acesa...

— Tudo está de acordo, então!

— Que queres dizer?

— Que isto se assemelha a um conto de Natal... É curioso! Li e escrevi uma quantidade de contos sobre o menino tradicional que morre de frio à véspera do Natal, mas nunca o tinha visto.

— Sim. Na verdade se tem abusado um pouco desse assunto. Nestes dias, basta folhear um jornal para se dar de sobetão com um rapazinho congelado, herói de uma narrativa simplória.

— Costuma-se ler também, nesta data, e já há vários anos, sátiras mais ou menos engenhosas a propósito desse abuso. Mas até essas sátiras ficaram se tornando vulgares.

Nem por brincadeira nem a sério há escritor que se respeite que se atreva a utilizar-se do tema do clássico rapazote...

— Tens razão... Se compararmos em casa de Sidayeff que acabamos de ver uma criança morrendo de frio, como nos contos de Natal, não nos acreditamos.

— Soltarão gargalhadas.

— Mofarão de nós.

— Encolherão os ombros.

Não. O melhor é não contar nada. Um menino que morre de frio! Que vulgaridade! É uma coisa que não pode ser levada a sério por nenhuma pessoa que possua um mínimo de gosto literário.

O romancista disse:

— Imagina que alguns operários, homens rudes e sem

letras, que nunca leram con-

tos de Natal, venham a en-

contrar este pequeno. Que o

levam para casa, lhe dão de

comer, e talvez, lhe acendam

uma árvorezinha... E que

amanhã o menino acorde em

um leito limpo e quente, e veja

inclinar-se sobre ele um

operário de emaranhada barba,

que lhe sorri ternamente...

O pintor olhou o romancista com olhos de zombaria.

— Com que então improvisas uma história de Natal!

Olha que acabas por escrever

mais um conto sobre o clássico menininho!

Riu-se o literato um tanto envergonhado.

— Tens razão. Deixei minha imaginação caminhar sem freio. Mas, não! Deus me livre disso! Aborreço tudo quanto é vulgar. Caminhemos!

— Porém... vamos deixar que este pequeno se congele? Poderíamos levá-lo a algum lugar onde houvesse calor e pudesse comer alguma coisa...

O romancista, irônicamente, atalhou:

— Sim... E amanhã o rapazinho despertaria no leito tépido e veria inclinado sobre ele a cara das barbas hirsutas... como nos contos de Natal.

Estas palavras espantaram grandemente o pintor que não se atreveu a insistir.

— Bem, como quiseres... Sigamos nosso caminho.

E afastaram-se os dois amigos, reatando a interrompida conversação. Suas vozes foram desaparecendo na distância.

O menino ficou só no escorrido do portal, muito encolhido, e a branca neve continuou o cobri-lo.

O desventurado não sabia que era — sorte ingrata! — um assunto vulgar.

## Os Presentes dos Magos

(Continuação da quarta página)

assimilado aquele fato evidente nem mesmo após arduo esforço mental.

— "Cortei e vendi", respondeu Della. "Vendi, já lhe disse, talvez embora seja bonzinho para mim, hoje é véspera de Natal, e eu fiz isso por você. De meus cabelos talvez fosse possível saber o número, mas o meu amor por você é inumerável, ultrapassa os cálculos humanos. Posso servir a comida, Jim?"

Jim pareceu acordar do transe. Abraçou a sua Della. Por dez segundos ambos perscrutaram discretamente em outra direção. Oito dólares por semana ou um milhão por ano qual a diferença? Um matemático ou um sábio lhe dariam certamente a resposta errada. Os Magos trouxeram dadas preciosas, mas que não estavam em suas mãos. Esta obscura afirmativa será esclarecida mais tarde.

Jim tirou do bolso um pacote e jogou-o sobre a mesa.

— "Não se engane comigo, Della", disse ele. "Não creio que haja alguma coisa no modo de pentear ou de vestir que possa aumentar ou diminuir meu amor por você. Mas se você abrir esse embrulho compreenderá porque fiquei a princípio um pouco desorientado."

Dedos alvos e ágeis se desfizeram do barbaque e do papel. Depois, um grito de alegria entusiástica; e depois numa reviravolta muito feminina, lágrimas histéricas e soluços, necessitando o emprêgo imediato de todos os poderes de consolação de que Jim dispunha.

Porque ali estavam os presentes — a coleção de pentes que Della havia namorado por longo tempo numa virrina da Broadway. Pentes lindos de tartaruga verdadeira com enfeites de brilhante — exatamente o que conviria para os cabelos desaparecidos. Eram caros, ela o sabia, e seu coração ansiava por eles sem a menor esperança de possuí-los. E agora eram dela, mas

a trança nas quais os cobicados ornamentos ficariam tão bem, essas, tinham-se ido!

Mesmo assim, apertou os dentes contra o peito e afinal foi capaz de olhar para Jim e dizer-lhe num sorriso: "Meu cabelo cresce tão depressa, Jim!"

Salto, então, como um gatinho chamuscado e gritou: "Oh! oh!"

Jim ainda não tinha visto o seu lindo presente. Mostrou-o animadamente, espelhando-lhe a palma da mão aberta. O metal fosco mas precioso parecia refletir um pouco do seu espírito brilhante e ardente.

— "Não é linda, Jim? Virei a cidade inteira para encontrá-la. Você agora vai ver horas com vezes por dia, não vai? De aqui seu relógio. Quero ver como fica."

Em vez de obedecer, Jim jogou-se no sofá e pôs as mãos atrás da cabeça sorrindo:

Della, vamos deixar de lado por um tempo, nossos presentes de Natal. São bonitos demais para serem usados desde já. Vendi o relógio para comprar os pentes. E que tal se você pusesse agora o jantar na mesa?"

Os Magos, como não ignorais, eram sábios — homens muito sábios — que trouxeram presentes para o menino no presépio. Eles inventaram a arte de dar presentes de Natal. Sendo sábios, seus presentes certamente também o eram e continuam talvez o privilégio de troca em caso de duplicata. E aqui vos contei eu, inabilmente, a história sem história de duas loucas crianças num apartamento que sem a menor sabedoria sacrificaram uma pela outra os maiores tesouros da sua casa. Mas, numa última palavra aos sábios de hoje, diga-se que de todos os que dão presentes, estes dois apaixonados foram os mais sábios. De todos os que dão presentes, estes dois são os mais sábios. Em qualquer parte eles são os mais sábios. Eles são os Ma-

# Buaiz S.A. Indústria e Comércio

Cumprimenta aos seus fregueses e amigos

desejando-lhes felicidades no NATAL e no

ANO NOVO

21-24

Telefones:

49-23



# A CONSOADA

— As argolas, mãe? — perguntou, do catreinho de bancos, a voz estremunhada da criança, que acordara ao rangido da porta.

— Dorme, rapariga... Não ricas sem a consoada... Teu pai ainda não chegou da feira.

A criança voltou-se no catre, ficou com os olhos abertos, encolhida e emudecida, fitando o fogo da caruma, quase extinto no lar, onde resquebava a ceia de Natal.

Acocorada na soleira da porta, a mãe, embrulhada num xale, está à espera, atenta ao menor rumor que vem da estrada.

Já por duas vezes com o ramalhar das carvalhas ao vento, ela cuidou ouvir tropear ao longo a cavalgada.

Não se enxergava um palmo na escuridão da noite de lua nova. Um mar de nuvens cobria os céus, ao fim da tarde.

Nem um luzelero de estrela trespassa agora aquele negrume denso que enche os espaços e por onde o vento anda à sora varejando as carvalheiras das bouças e assobiando as agulhas dos pinheiros como uma orquestra de flautas.

— Vá-lhe-me Deus! o que nem lá por fora aquele homem, a estas horas da noite! — murmura a mulher, sucumbida.

— Ó mãe, não haveria argolas na feira e terá o pai ao por elas à vila...

— Dorme, rapariga! Amanhã já tens as argolas nas orelhas... Por mor delas dezanhou teu pai, sózinho na água por essa serra, que meite medo!

Eram a consoada da filha. A colheita em pão e vinho fora de dar graças a Deus. Não havia a pequena de ficar sem as argolas por mais tempo. Logo ao clarear da manhã, o Manuel da Eira selara a água, entalara o vara-pau debaixo da coxa, lembrado da quadrinha de Redemoinhos, e pusera-se a caminho para a feira de Lanhoso, prometendo

estar de volta ao amortece do sol, para consoar. Ainda a mulher advertira, receosa:

— Meite-te a caminho cedo. Toma tento com a ladroagem de Redemoinhos!

E o Manuel da Eira, destemido, voltara-se no selim: — Hoje é o dia em que nasceu o Salvador. Os ladroes também são gente cristã!

E picando a água com a espada, abalara, afonso, pela estrada.

Já ao longe, na igreja da freguesia, os sinos tinham tocado a missa do galo. Rajadas mais fortes de ventos enchiam os céus de um borborinho abillante e agitavam no alpendre os armenios das vides por podar.

Súbito, a criança e a mãe erguem-se no catre e no portal da porta.

— Os, Mari! da Eira!

Sobre as travas, o vento parece que arrasta as telhas. No corte, os porcos grunhem. Uma nuvem de cinzas ergue-se e rodopia no lar, sobre a caruma.

Sem pinga de sangue, a mulher grita, numa ansiedade, afilada, empurrando a cancela:

— Quem me chama?

E entre o rumor do vento distingue a tropada da água, os passos vagarosos de dois homens.

— Traga a candeia... — tor-na a voz, na estrada.

A criança está já fora do catre, à espera das argolas, esfregando nas costas da mãe os olhos fechados de sono.

Tropeçando na sala, a mulher desengancha a candeia da parede, e à luz mortua, saindo ao terreiro, vê o seu homem, trazido a braços, como morto. Atrás do grupo fúnebre avança a água tropega.

Os homens param. O da frente, encarando com o desatino da mulher, resmoneia, esbaforido:

Tome conta na luz! Não, va-

mos agora ficar nestes negrume! O seu homem vem vivo. Só então ela parece acordar do seu doloroso espanto e soluça, erguendo para o céu ventosos os braços, deixando fugir o xale.

— Nossa Senhora! Divino amor de Deus, que estou desgraçada!

— Cale-se, mulher! Derreados vimos nós com este péso! Demos com ele numa vala, caído ao pé da água. Foi pancada que lhe atiraram à falsa-fé para o roubar.

Em altos gritos, ela empurra a porta, ajuda a deitar o seu homem no catre. A criança soluça, refugiada a um canto, sufocada pelo medo, e enquanto a mulher rasga, com a violência do terror, uma camisa de linho para ligadura, os dois homens lavam as mãos ensanguentadas num algarido e atiram o lume da lareira com um graveto de tojo.

Debalde a mulher agora esparge de vinagre o rosto desfigurado do ferido. Com o braço pendente e as unhas travadas na palma da mão direita, enlameado e livido, o Manuel da Eira parece morto, estendido no catre.

— Ele já não tem vida! — clama, num alarido de lágrimas, a viúva, desanimando de abrir aquela mão crispada do defunto.

Os homens deixaram de atirar o braço, amparam-na e erguem-na do chão, onde ela se deixou cair desanimada, arrancando os cabelos, com um escarceo de gritos e soluços.

— Os homens não fecham as mãos. Isso é coisa que ele tem escondida.

Então novamente, reconfortada por uma última esperança mais do que em estancar o sangue das feridas, esforçou-se em abrir o punho obstinadamente fechado do seu homem. Mas desfalece depressa e de novo abate, com a voz estrangulada de soluços malouros.

Velho, embra, "ninguém lhe

Autor: CARLOS MALHEIROS DIAS

(PORTUGUÊS)

Por sua vez, os dois homens também a criança, aterrada e tentam, inutilmente, desunir a palma sangrenta os dedos inflexíveis.

— Pal, abra a mão! — geme a força, que aos outros falta,

para despegar aquela garra. — Abra a mão, pai!

E de repente, obedecendo a vozita implorante, a mão abre-se e duas argolas de ouro, pequeninas, aparecem, reluzem e tilintam no soalho.

## FIRMO, O VAQUEIRO

Conto de Coelho Neto

Sentados na soleira da palhoça, em face do verde campo, à hora vespertal em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumávamos, relembando passagens alegres da vida de outrora.

Firmo era meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça. O que ele sabia de histórias, e como as contava fazendo a voz chernerada, e meiga para imitar as princesas que imploravam ou arremetendo com vozearia terrível para que eu tivesse a impressão exata do bradar horrível dos gigantes antropófagos. E não só histórias dos livros, outras sabia que eu já mais em letras virá: a que descrevia a vara branca seduzindo o remador do Itapicuru e o conto do surupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha imperinência. Algumas eram inventadas por ele diziam; outras o velho Firmo, vaqueano e andejo, aprendera por esse, sertões de Deus por onde caminhara.

Andava pelos oitenta anos, mas quem o visse a cavalo, no campo, não lhe daria tanta idade. O diabo era o reumatismo que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguém levava o melhor ao Firmo do Curral Novo. Raparigas que uma vez o viam montado no garboso fabríca, o laço em volta da cinta, a agulhada firme sobre a coxa coberta de couro cru, perdiam-se de amor por ele.

Era um caboclo atirado, musculoso e rijo: grande olhos negros brilhavam no seu rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabelo rolavam-lhe pelos ombros largos.

Velho, embra, "ninguém lhe

chegava ao pé sem muito jeito". Come, ele próprio dizia sorrindo com os seus dentes limados, agudos como pontas de frechas. Apesar de aquebrado e enfermo andava com arrogância e notava-se na voz, aspera e forte, o hábito de comandar.

Em tempos de festas, quando vinham para a meada era o lugar e meças de mais longe, Firmo saltava na roda, sapateando, rasgando na viola a tirada dos campeiros, e quem ousava pegar no verso do caboclo! As moças morenas sotram com os olhos fascinados e unidas desfilavam-se das flores para que cantador as fosse pisando no sapateado... por isso o Firmo andava sempre de ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descante acabou varrido à face; mas quem ficava do lado do caboclo podia estar descansado — nunca fugiu de arreliá, fosse com um, fosse com dez ou mais.

Matizinha, a velha mucama de casa, quando o via passar no caminho, curvado pitando o seu cachimbo de taquara, dizia maliciosa:

— Isso, anil isso, foi o diabo!

Firmo "vivía encostado no tempo de dantes", a saudade era o seu conforto. "Hoje em dia que que a gente vê? má língua e moleza só, dizia e citava os valentes de antanho e

mostrava as velhas gabando-lhe a beleza que a idade fanara: "Serapião, homem que nem o diabo!... Ana Rosa, essa curumba... foi mulata de dengue, era um motim aqui em cima por causa dela. Filomena, com essa cara de peixe moquea

do, teve o seu luxo e foi gente... Eu também pisai duro, ora!

Firmo vivia das recordações. Passava os dias caminhando de um para outro lado, visitando as palhoças, ou a terra ao rio para ver e ouvir as lavadeiras, quando não se metia a fazer bodequês para as crianças.

A tarde sentava-se em um chão quebreado, a porta da casa e deixava-se estar inerte, os olhos ao longe: "estava vivendo..." dizia quando eu me perguntava que fazia ali sozinho. Espavamos, às vezes, sentados juntos, e a contar histórias, quando nos chegava, nido e agudo, o grito do campeiro. Firmo cantava, um estremecimento agudo, os olhos dilatados recordavam o bruto antigo e punha-se de pé, deitando a paisagem triste, à luz crepuscular.

De repente aparecia a nuvem de poeira anunciando o gado que chegava... uma mancha vermelha, uma mancha negra, outra e logo o magote os bois juntos, emaranhando os chifres: um mugia, outros imitavam os levantando os focinhos ou forravam-se às marradas, sendo, às vezes, necessária a intervenção do vaqueiro que aparava os bois à porta de vara. E a marcha aproximava-se morosa.

Firmo ficava enlevado acompanhando os movimentos da manada, inclinando-se para um lado, para outro, aspirando o sôfrego. De repente batia as palmas e juntava, logo em seguida, as mãos na boca à guisa de porta-voz bradando:

— Eh! eh! eh! cou! ruma!

Eh! cou...

(Continua na última página)

## SUAVE NOITE DE NATAL

Solimar de Oliveira

Natal. Noite de luar. Anjo e prece. Cinge o horizonte meiga claridade; o céu, tranquilo, irradia, parece, todo o aroma que vem da Eternidade...

Daquela noite esplêndida, quem há de toda glória esquecer? Ninguém a esquece! — Cumpre-se um tempo mais da Humanidade, de pólo a pólo o mundo resplandece!

Vem de estrelas um bando imperioso chamar a Humanidade ao grande signo, de uma Era Nova, de um Porvir glorioso...

Cantam vozes de luz no céu profundo! — Nasceu o Rei dos reis, o Deus Benigno, para os pobres e os tristes deste Mundo!

## Um Papai Noel Diferente

Conto de PATERSON

— Menino, onde está sua botina, moleque?

O negrinho, com as mãos nervosas a esfregar os olhinhos espantados, molhados de lágrimas, não sabia informar.

— Anda capeta, diz onde você pôs sua botina, senão eu te acabo na péla!

Como o garoto continuava,

apesar das ameaças, a nada dizer, a preta calu sobre ele, dando-lhe inúmeros safanões. Mas como quase sempre a maior defesa de um menino que está sendo espancado pela mãe é a correria, o negrinho Tião arredeou o pé. E sua mãe, que com imensas dificuldades havia comprado a botina, que agora ele desaparecera, bufando de raiva o perseguia. Pega-não-pegas, acabou o Tião entrando debaixo de um velho e imundo catre, localizado na sala do barraco de três cômodos.

— Sai daí, filho de uma...

Mas quem obedeceu foi o vira lata do Tião, o Bilú. O menino mesmo não. A preta, ante a recusa do coleque, sentenciou:

— Pois tu vai ficar aí até a noite. E ficou.

— Oo —

Natal, festa do Menino Jesus. Festa do Papai Noel e de toda a infância, ou quase toda.

As crianças naquela dia corriam a procurar sob as camas, debaixo dos travesseiros, dentro de seus sapatinhos pontos no dia anterior sobre as janelas, e em mil e outros lugares, os presentes maravilhosos que o Velhinho de barbas brancas lhes traria. Muitas crianças se alegravam. Outras se decepçionavam, pois recebiam presentes, mas não os que haviam, sonhadora e febrilmente dese-

jado. E outras, menos felizes, nada tinham recebido, nada tinham ganho do Papai Noel que se dizia tão bom. E entre estas infelizes criaturas se encontrava Tião, que, com um agravante, havia maiores motivos para se entristecer: ao invés de ganhar perdura a sua botina, aliás, um dos pés do calçado, que pusera na soleira da porta da rua, em lugar mais acessível ao Velhinho.

— Oo —

Pouco antes de sua mãe vir tirá-lo de sob o catre Tião, com o rosto sobre as mãos espalmadas no chão húmido, devaneava, recordando os inúmeros presentes que o Carlinhos, filho da madame para quem sua mãe lavava roupa, possuía. Ali se ganhava pelo menos o velocípede velho que o Carlinhos não ligava mais, pois agora tinha uma bicicleta novinha, uma bola enorme de futebol e muitos outros brinquedos! Cansado de sonhar inutilmente, desde que, numa tentativa de brincar com o velho velocípede de seu amiguinho rico, lhe resultara uns palavrões do menino e uns puxões de orelha pela mãe, Tião, num último gesto de esperança, apalçou, com suas mãozinhas magras de menino anêmico o chão batido ao seu redor, a procura do sapato que talvez o cachor-

ro, seu único amigo fiel e brincado interessante, para ali levava. Mas isto tocou nua objeto de couro, quadrangular, esculado. Troux a mão e tornou a levá-la ao aceno estranho, que se lembrava não fazer parte de seus brinquedinhos, na maioria de taquara, realizados por ele mesmo. Arredou um pouco para fora, onde a escuridão estava menos densa, e pôde chegar à conclusão, depois de muita atenção, de que se tratava de uma carteira. Aberta, dividiu papéis vermelhos cortados em tamanho igual, que já tivera a oportunidade de ver semelhantes nas mãos do caixa da loja de "seu" Tonico, quando fazia pagamento ao viajante de mercadorias, ou aos sábados, quando fazia as fêrias do dia. Não teve mais dúvida: tratava-se de dinheiro.

Em gritos saiu correndo de encontro à mãe, que estava na cozinha, mostrando-lhe o achado. Nisto o Bilú, de rabo batendo, veio também, mas com o pé da botina que desaparecera, na boca.

O Papai Noel para o Tião tinha sido diferente de todos os outros: — um cão, que ao invés de osso, levou para casa uma carteira recheada de dinheiro...

## Padaria Americana

Pães Quentes a Toda Hora

Rua Araribóia, 35 — Vitória

Apresenta ao povo capixaba, particularmente a seus fregueses, sincéros votos de BOAS FESTAS e prosperidade no ANO NOVO



# Entrevista com o Dr. Euripedes Queiroz do Vale Presidente da Academia Espiritossantense de Letras

Em entrevista exclusiva concedida ao nosso Diretor, o Dr. Euripedes Queiroz do Vale, Presidente da Academia Espiritossantense de Letras respondeu a uma série de perguntas de palpante atualidade a respeito da vida cultural capixaba, cujos textos abaixo estamos:

P — A que abrite V.S. a atual marasma intelectual da

ilha, vez que são poucos os nossos homens de letras que divulgam os seus trabalhos?

R. — Não há, rigor marasma intelectual em nossa ilha. As Associações Culturais estão em atividade. Ainda há pouco a Academia de Letras encerrou, brilhantemente, o seu "Curso Machado de Assis" destinado a divulgar a obra do grande brasileiro.

Foram proferidas sete conferências e debates com uma assistência crescente e interessada.

Estas conferências estiveram a cargo dos Professores Renato Pacheco, Geraldo Alves, Cristiano Fraga, Guilherme Santos Neves, José Leão Nunes e Nelson Almeida, que examinaram os mais curiosos aspectos da personalidade literária daquele grande escritor.

A "Associação de Juristas", por outro lado, prepara-se para comemorar o Dia da Justiça. Do programa organizado consta um pequeno número de adesões recebidas, promete ser dos mais interessantes.

A falta de publicação de trabalhos dos nossos homens de letras se deve a outras causas, sendo a principal delas o preço assustador a que atingiu a edição de qualquer livro.

P — Tem V.S. algum ou alguns trabalhos para editar e conhece de outros intelectuais trabalhos inéditos que merecem ser divulgados e que obstáculos encontram?

R. — Tenho alguns trabalhos a serem editados, não são jurídicos como literários e conheço intelectuais que também os têm. Esbarramos todos, porém, no mesmo obstáculo: — o preço da edição. Por um pequeno "Dicionário Informativo" de fatos e cousas do Espírito Santo, obra de divulgação, pedem os editores locais mais de 50 mil cruzeiros. Temos todos que adiar a publicação de nossos trabalhos, aguardando melhores dias.

P. — Por que não mais se falou do "Prêmio Cidade de Vitória" e o Projeto de Lei apresentado na Assembleia Legislativa pelo Deputado Lauro Calmon?

R. — O Concurso para o Prêmio "Cidade de Vitória" teve que ser suspenso por falta de pagamento aos autores vitóricos. Espera-se que o Prefeito Adelfo Monjardim restaure agora o Concurso autorizando a Academia a promovê-lo, depositando, previamente, a importância dos prêmios para que inspire confiança nos concorrentes.

P. — Persiste V.S. em erigir a "Casa da Cultura" com objetivos de congregar toda

expressão cultural do Espírito Santo?

R. — A "Casa da Cultura" onde pretendemos reunir todas as Associações Culturais da Cidade, tem todos os seus planos já estudados. Aguarda-se apenas que o Governo cumpra a promessa de lhe conceder o terreno para sua construção.

P. — poderíamos dinamizar os vários setores da cultura de nossa terra?

R. — Podemos. O essencial é seleccionar e interessar o elemento humano capaz. Há

uma certa falta de planejamento objetivo e seguro nas nossas iniciativas. Daí o fracasso de muitas.

P. — Veria com simpatia a colaboração de toda a imprensa, visando tornar realidade a vida cultural do nosso Estado?

R. — Sem dúvida que sim.

Depende da maneira de objetivar essa colaboração.

## Devaneios

No verde ramo, o ninho balouça ao sabor da brisa  
O seu canto, passarinho,  
minhas águas ameniza

Por entre as verdes ramadas  
o fragil ninho balança  
Ao sabor da fantasia,  
se embala minha esperança...

Eu canto doces canções  
que faço em meus devaneios;  
es meus cantos, passarinhos,  
não são como seus gorjeios!

Não têm dos seus a pureza  
nem tão pouco a melodia;  
o meu canto é só tristeza...  
o seu, é todo alegria!

Canta, canta passarinho,  
que a sua voz sonora  
traz consolo traz carinho  
ao meu coração que chora.

## Alguns Dados Sobre a...

(Continuação da primeira página)

e Castro e a Literária de Anete de Castro Castro, que proferiu a palestra "Música-linguagem universal — Chopin, alma da Polónia", que recentemente foi comentada na Argentina pelo maestro Ricardo Marino

Por ocasião do centenário da cidade de Vitória realizou na Agência Copelito a "VITRINE

LITERARIA FEMININA, — única no gênero realizada nesta Capital e que foram expostos mais de duzentos trabalhos literários, sob os mais variados assuntos, que constituíram grande sucesso. Participou com a Academia E. S. Letras dos festejos comemorativos dos centenários de nascimento de Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa.

Foram realizadas conferências que estiveram a cargo do Prof. Pereira Franco, sob o título "CAPIXABAS". Da Prof. Doralice Olivera Neves, em 1953 em homenagem ao dia de "Caxias" sob o tema "Colaboração da Mulher Brasileira nos campos de batalha". De Zeny Santos sob o título "Consideração sobre alguns filósofos". Do Prof. Almeida Cou-

sin sob o título "Brasília — liamonte" e outras.

Foram ainda feitas palestras pelo rádio e em solenidades e em que tem tomado parte, em colaboração com os demais instituições culturais da cidade. Realizou duas magníficas "NOITES DE POESIA" uma no Clube Vitória e outra na residência do industrial Pinheiro Prado. Em julho de 1957 realizou, a primeira vez no Estado, a Primeira Exposição Feminina Capixaba de Poesia, em que mais de 30 poetisas expuseram trabalhos em estilos variados.

Tem participado sempre de todos os movimentos literários que se realizam na Cidade. Tem em organização a bi-

blioteca que já conta com vários livros, ofertas. Possui registradas no Cartório Castelo os seus Estatutos, que são a sua lei orgânica. É reconhecida de utilidade pública pela Câmara Municipal e pelo Governo. Está subvencionada pela Secretaria da Educação e Cultura, desde 1957 sem contudo, até hoje ter conseguido um níquel sequer, dessa subvenção.

A Academia, apesar de suas inúmeras dificuldades e falta de cooperação das próprias intelectuais capixabas, vem, com sacrifício, vencendo a incumbência que lhe foi imposta, procurando, sempre, quanto pode, divulgar a literatura feminina do E. Santo, nos outros Estados e no estrangeiro.

## Firmo, o Vaqueiro

(Continuação da 7ª página)

E ficava longe tempo excitado, a olhar. Não perdia uma só das peripécias e, se um touro espirrava, correndo aos galopes pela campina, o velho entrava a bramar do outeiro, tão alto que as raparigas, que andavam na eira recolhendo a roupa ou secando o arroz, paravam assustadas erguendo os olhos para o lado da palhoça do vaqueiro velho. Mas ninguém o acomodava antes de ser lançado o boi fujão e quando o vaqueiro aparecia, arrastando o animal laçado, Firmo suspirava baixinho: — Ah! Nossa Senhora! meu tempo!

Foi pelo Natal que o viu pela última vez. Começavam os preparativos da festa, quando cheguei ao sítio. Nas casas dos escravos, às vezes, à noite, ensaiavam as crianças. Na eira os raparigas preparavam jiraus; colhia-se o arroz novo para os presepes e de todos os lados, mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas ao Deus Menino e as falas dos infantinhos que figuravam no Ministério.

Firmo estava doente, mal podia mover-se passava os dias na rede. Subi a vé-lo, uma noite justamente na véspera do grande dia. Encontrei-o deitado, fumando, os olhos semi-serrados.

— Eh! vaqueiro velho... Então que é isso?

Estou derrubado, patrãozinho.

— Mas que diabo tem você?

— Moléstia má, patrãozinho; parece que desta feita vou mesmo.

— Ora qual...

— Eu é que sei como me sinto, patrãozinho. Se até o pito me faz nojo...

— pois eu preparei uma surpresa que te vai fazer mais bem do que todas as mãezinhas de mãe Tude. Quem está aí fora? advinha...

— Ah! patrãozinho, alguma alma boa... Quem há-de

ser?

— Raimundinho. O velho sacudiu-se novamente na rede e, voltando-se para a porta com um sorriso, perguntou:

— E onde está esse negro que não entra?

— Boa-noite à gente da casa! disse da porta o cafuso.

— Entra, negro!

O cafuso, um coadonense de fama, atravessou o limiar da porta:

— Então, tio Firmo, a febre pôde mais, hein?

— Sim, porque eu não vi quando ela entrou... quando não! Então, negro, que é que vamos fazendo?

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogaréus no Curral Novo...

— Como vai Noca?

— Boa.

— E Ana? está na cidade, mais o pai?

— Hen, hen, afirmou o cafuso.

— Negro, você não vai daqui hoje. Ah! patrãozinho, vosmecê vai ver o que é um diabo.

Negro, ajunta a madeira ali atrás da arca...

— Está encordoada?

— O danado! Onde você viu viola sem corda? e afinada, ajunta.

O coadonense agachou-se, apANHOU a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ágeis pelas cordas.

— Passa p'ra luz, cafuso.

— Já vou...

Sentou-se no centro da mesa, cruzou as pernas e, — tombando a cabeça, gemeu a toada sertaneja.

— Anda com Deus.

— Lá vai; pigarreou e desferiu:

"No coração de quem ama Nasce uma flor que envenena"

— Eh! gritou o Firmo entusiasmado, concluindo a quadrinha:

"Morena, essa flor que mata Chama-se paixão, morena..."

— Pega, negro... não deixa

o verso no chão!

De fora, continuou e doce, vinha o coro longínquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.

Quando o cafuso descansou a viola, Firmo disse da rede com esforço, arrastando a voz fraca:

— Cantia, canta mais, cafuso... Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga. Canta.

Era tarde quando desci o outeiro. Raimundinho lá ficou cantando.

— No dia seguinte, à hora em que saía o gado, estava eu debruçado à varanda quando vi o cafuso que preparava o animal viagem.

— Raimundinho, como vai ele?

De longe apontou para a palhoça:

— Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo comovido; depois, saltando para o animal, levou o polegar à boca fazendo estalar a unha nos dentes: "A's quatro da manhã... Atirei um verso e disse, para bulir com ele: Pega, velho!

Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Foi ver, coitado! estava morto". E deu de esporas para que eu não lhe visse as lágrimas.

Subi ao outeiro... Pobre Firmo! Lá estava no fundo da rede, cercado de gente. Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos de seu tempo e bem perto de casa o mugido dos rebanhos. E bem que o choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que estavam louvando o Senhor Menino; chorando o companheiro e que eles estavam, os grandes bois que pressentem todas as desgraças e que vêem a morte passar, à noite, com a foice de rastro, através das campinas!

Bem que choraram nessa noite os bois: de certo viram a morte entrar na cabana de Firmo.

## COMPANHIA TELEFONICA DO ESPIRITO SANTO



### AVISO

Como acontece em todas as cidades providas de rede telefônica de serviço automático, em determinadas épocas do ano, tanto o ruído de discar como a progressão da chamada, tornam-se mais demorados, em consequência do congestionamento do equipamento, devido à sobrecarga de serviço.

O ruído de discar ser-lhe-á proporcionado com menor demora e as ligações sofrerão menor retardamento em seu desenvolvimento, se V. Sa. aguardar um pouco mais do que o habitual.

Acionar repetinamente os pinos do aparelho pelo demora do ruído, ou desligar o telefone por demora na progressão da chamada para nova tentativa, concorrerá para aumentar os efeitos da sobrecarga.

Colabore com o serviço telefônico da cidade, evitando ligações desnecessárias e prolongadas.

Esteja preparado para discar logo que se apresentar o ruído.